

# BOLETIM DO MUSEU NACIONAL

NOVA SÉRIE

RIO DE JANEIRO - BRASIL

ANTROPOLOGIA — N.º 22 — 28 de maio de 1963

## ESFRUTURA E RITMO DA SOCIEDADE BORÓRO

OLMAR PARANHOS MONTENEGRO  
Instituto de Ciências Sociais da U.B.

Nesta primeira comunicação de uma pesquisa a longo prazo que formulamos e iniciamos em 1959, visando ao estudo do conservantismo e mudança na cultura BORÓRO, abordaremos, precipua-mente, os arranjos organizatórios levados a efeito pelos remanes-centes dessa sociedade indígena, hoje enquistados numa área ainda em franco povoamento e que paulatinamente se vai integrando à economia nacional (1).

Como é sabido, êsses índios vêm resistindo, há mais de dois séculos, aos impactos das frentes de expansão da sociedade brasi-leira, e, apesar de nos últimos cinquenta anos seus contatos com elementos "civilizados" se processarem mais e mais permanentemente, conservam êles muitos dos seus padrões tradicionais de conduta. Os mecanismos interculturais que possibilitaram essa persistência e as mudanças ocorridas, em diferentes graus, a nosso ver, sòmente podem ser compreendidos e explicados se partirmos da premissa bem geral e básica de que assim como a sociedade nacional não chegou como *um todo* aos BORÓRO, também êstes, embora guar-dassem suas características de *tribo*, não entraram em contato com as franjas pioneiras ou não mantêm relações com os atuais aglome-rados "civilizados", como *um conjunto*, mas por partes dêste. Temos, então, que cada um dos segmentos do contato apresentará um grau

(1) O projeto de pesquisa sòbre o CONSERVANTISMO E MUDANÇA NA CULTURA BORÓRO foi apresentado à direção do Curso de Aperfeiçoamento de Pesquisadores Sociais (CAPES-CBPE), logrando aprovação e financiamento. Mesmo antes de nossa ida ao *campo*, já então como Estagiário do Museu Nacional, tivemos também o patrocínio dessa Instituição, sob cuja égide teve prossegui-mento a pesquisa, resultando na elaboração e redação dêste artigo.



Composto e impresso  
na Oficina Gráfica da  
Universidade do Brasil





compreendido entre 15°30' a 17° de latitude sul e 53 a 55°30' de longitude oeste, — a nordeste e este-sudeste de Cuiabá, em três áreas bem definidas e que, além de suas características fisiográficas próprias, representam os diferentes tipos de ocupação humana e as modalidades de contatos interculturais já referidas.

1 — Área do Pantanal do São Lourenço. — Seus habitantes “civilizados”, bastante dispersos, dedicam-se quase exclusivamente à criação extensiva do gado. Nela estão localizados quatro postos do Serviço de Proteção aos Índios, três dos quais junto a aldeias BORÓRO: “Posto Indígena de Nacionalização General Gomes Carneiro”, junto à aldeia de *Córrego Grande* (*Corejedo Páru*, dos índios); à margem direita do São Lourenço; “P.I.N. Presidente Galdino Pimentel”, antiga Colônia Teresa Cristina e conhecida na região simplesmente como “a Colônia”, igualmente à margem do mesmo rio, seis léguas a montante do posto anterior e junto da aldeia do *Tóri-Páru*; (3) “P.I.N. General Couto de Magalhães”, na margem direita do rio Pirigara, junto à aldeia de *Tugukure*, de índios oriundos do aldeamento da extinta “Colônia Isabel”, que existiu até princípio deste século; finalmente, o “Posto Indígena de Criação Piebaga”, na margem esquerda do rio São Lourenço, entre os dois primeiros postos. Não há aldeia junto do “Piebaga” e uns poucos BORÓRO lá se localizam, quando a serviço do S.P.I. (4).

Os BORÓRO que vivem nesta área entram em contato direto com moradores de fazendas, nas quais trabalham esporadicamente, e com os de dois pequenos vilarejos: São Lourenço, que se originou da antiga Colônia do São Lourenço, fundada no início da segunda década deste século, e Porto Pinto, um aglomerado de casas de criadores de gado, que exploram, na época da safra, velhos laranjais ali existentes, quando caminhões vindos de Cuiabá compram as frutas para vendê-las na feira da Capital. Porto Pinto, distante apenas seis quilômetros do *Córrego Grande*, é ponto de atração diária de índios de ambos os sexos, pois nêle há um “bolicho”

(3) Não confundir esta aldeia com a homônima, descrita por Baldus (1937), localizada, então, entre Rondonópolis e Guiratinga (ex-Lageado).

(4) Quando da nossa visita, viviam em Piebaga três trabalhadores “civilizados” do SPI e um índio.

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO BORÓRO DAS ALDEIAS DA ÁREA DO PANTANAL DO SÃO LOURENÇO, POR SEXO E GRANDES GRUPOS DE IDADE — Junho a Agosto 1959

ALDEIA DO CÓRREGO GRANDE

| MESES  | 13 anos e mais |        | De 5 a 12 anos |   | Menos de 5 anos |   | T O T A I S |    |
|--------|----------------|--------|----------------|---|-----------------|---|-------------|----|
|        | M              | F      | M              | F | M               | F | M           | F  |
| Junho  | 38             | 39     | 4              | 7 | 5               | 5 | 47          | 51 |
| Julho  | 38             | 39     | 4              | 7 | 5               | 5 | 47          | 51 |
| Agosto | 38             | 40 (a) | 4              | 7 | 5               | 5 | 47          | 52 |

ALDEIA DE TÓRI-PÁRU

| MESES  | 13 anos e mais |        | De 5 a 12 anos |   | Menos de 5 anos |       | T O T A I S |    |
|--------|----------------|--------|----------------|---|-----------------|-------|-------------|----|
|        | M              | F      | M              | F | M               | F     | M           | F  |
| Junho  | 20             | 25     | 3              | 2 | 4               | 6     | 27          | 33 |
| Julho  | 17 (b)         | 23 (b) | 3              | 2 | 4               | 8 (c) | 24          | 33 |
| Agosto | 17             | 23     | 3              | 2 | 4               | 8     | 24          | 33 |

ALDEIA TUGUKURE

| MESES  | 13 anos e mais |    | de 5 a 12 anos |   | Menos de 5 anos |   | T O T A I S |    |
|--------|----------------|----|----------------|---|-----------------|---|-------------|----|
|        | M              | F  | M              | F | M               | F | M           | F  |
| Junho  | 38             | 42 | 5              | 6 | 9               | 3 | 52          | 51 |
| Julho  | 38             | 42 | 5              | 6 | 9               | 3 | 52          | 51 |
| Agosto | 38             | 42 | 5              | 6 | 9               | 3 | 52          | 51 |

(a) imigração — (b) emigração — (c) nascimento

(empório) no qual adquirem, por dinheiro ou em troca de seus artefactos e tralha doméstica (panelas de alumínio, colheres, escumadeiras, etc.) e ferramentas (terçados, facões, foice, enxada), doados pelo SPI, os gêneros de que necessitam, entre os quais avultam a aguardente e o fumo de rôlo.

O quadro da página anterior indica a distribuição dos 259 indivíduos que compunham a população indígena em 1959.

2 — *Área do Alto São Lourenço* — É de povoamento bastante recente, tendo sido habitada até 1914 apenas pelos BORÓRO. Nessa época, a descoberta de depósitos diamantíferos atraiu grandes contingentes humanos de outras partes do Estado de Goiás, de São Paulo, do Norte e do Nordeste do país, que se espalharam pela área, localizando-se nas margens dos afluentes e formadores do São Lourenço, onde se encontravam os garimpos. Esses grupos levam vida incerta, pois suas pequenas vilas e povoados (corrutelas) têm seu desenvolvimento e sua decadência condicionados à riqueza das lavras.

Outro tipo de povoador do Alto São Lourenço é o lavrador, levado para lá pelo próprio Governo do Estado. Esses trabalhadores rurais (hoje recrutados no nordeste e em São Paulo, em sua maioria) dedicam-se, sobretudo, à lavoura de subsistência. São eles, em número consideravelmente menor do que os dos garimpeiros e suas atividades dependem da impositividade da economia destes.

Os BORÓRO desta área, que vivem em três aldeias localizadas às margens dos rios Vermelho, Jarudore e Pobore, defrontam-se, assim, com agrupamentos humanos desorganizados, sem coesão interna (faiscadores) e, através de "visitas" de escambo, com os habitantes dos principais centros *rurbanos* (5) da área: Rondonópolis e Guiratinga. O Serviço de Proteção aos Índios tentou em 1958 localizar um posto no Jarudore, mas, por atritos com garimpeiros e grilheiros, foi obrigado a transferi-lo para Rondonópolis, o que não lhe possibilita o controle direto dos índios.

(5) Usamos aqui o conceito de *rurbanização* de Charles J. Galpin, (*RURAL LIFE*, N. York, 1920 e *RURAL SOCIAL PROBLEMS*, N. York 1924), reexaminando por T. Lynn Smith, "Trends in Community Organization and Life", in *AMERICAN SOCIOLOGICAL REVIEW*, vol. 5, n.º 3, jun. 1940. A tradução deste artigo foi incluída nos *ESTUDOS DE ECOLOGIA HUMANA*, ed Martins. S. Paulo, 1945: 153-167, organizados por D. Pierson.

A população indígena desta área pode ser estimada, com otimismo, em 250 indivíduos.

3 — *Áreas dos rios das Mortes e das Garças* — As principais atividades econômicas desta área são o garimpo e a fazenda de gado. Nela a interferência dos habitantes civilizados sobre os índios é bem menor, quase nula, uma vez que estes vivem numa verdadeira situação de estufa criada pelos padres salesianos. Mesmo quando se ligam com as cidades de Poroquê ou Presidente Murtinho, fazem-no sob o controle dos salesianos ou com estabelecimentos por estes mantidos. As duas "aldeias" desta área estão localizadas junto às colônias de catequeses "São José", no rio Sangradouro, afluente do rio das Mortes e mais conhecida na região pelo nome de *Sangradouro*, e "Coração de Jesus", designada pelo nome indígena de *Merure*, localizada nas margens do rio Barreiro, afluente do rio das Garças. Nestas colônias vivem aproximadamente 200 índios (6).

\* \* \*

Os remanescentes BORÓRO que vivem nestas áreas têm, hoje, o quadro tradicional de sua economia modificado pelos empréstimos culturais advindos da convivência com o civilizado. Aspectos desse quadro estão bem documentados nas obras de LÉVI-STRAUSS (1936), BALDUS (1937), COLBACCHINI (1939), COLBACCHINI-ALBISETTI (sem data 1925?, 1942), LÉVI-STRAUSS (1957), notadamente nas dos padres salesianos, para as quais remonto o leitor. Em largas pinceladas, entretanto, devemos indicar que a caça era tarefa masculina e tanto podia ser individual como coletiva, havendo, ainda, periodicamente, excursões coletivas de caça que duravam meses. Usavam, para o abate dos animais, o arco e flecha e uma espécie de clava, de madeira duríssima, — o *Arago*. A pesca era, também, tarefa dos homens e atividade importante, sempre de caráter sócio-religioso, pois o *bári* (xamã) deveria assisti-la, sem o que o peixe não

(6) Queremos deixar anotado que há entre os índios das duas primeiras áreas uma interinfluência (menor no sentido da segunda para a primeira), que indicamos no mapa anexo com o entrelaçamento das duas elipses delimitadoras das áreas. Entre as áreas do São Lourenço e a dos padres salesianos nenhum canal de comunicação existe.

poderia ser comido (7). Empregavam na pesca o arco e flecha, o *arago* e ainda redes, anzóis e o poder estonteante do timbó.

A mulher incumbia o cuidado com a incipiente lavoura, a coleta e transporte de vegetais comestíveis e o preparo dos alimentos.

A indústria própria dos BORÓRO (enfeites plumários, arco e flecha, redes, paramentos de couro de onça, de macaco e de veado; rudimentar cerâmica) está empobrecida, não se encontrando hoje tôdas as numerosas armas e adornos de que dispunham. A cerâmica é superada pelas panelas de ferro ou alumínio e latas vazias de conservas. O quadro econômico se modificou. Com a introdução das armas de fogo, de instrumentos de ferro e com a paulatina ocupação do território tribal pelas franjas pioneiras, a caça, a pesca e a coleta mais e mais rarearam, sendo os índios compelidos a se dedicarem à agricultura em maior escala ou a se empregarem nas fazendas em misteres os mais variados. Atualmente, os homens já plantam, colhem, coletam e transportam os produtos agrícolas, ferindo, frontalmente, seus papéis tradicionais.

Essas alterações no sistema econômico não são, entretanto, de molde a possibilitar uma radical mudança no contexto sócio-cultural como um todo, por isso que não contribuem elas para que haja uma modificação profunda no caráter e no grau de desenvolvimento das forças de produção. Assim, apesar do aumento de importância econômica da agricultura para a tribo, continua a desempenhar papel de alto valor social a caça e pesca.

### ORGANIZAÇÃO SOCIAL

#### a) *Morfologia da Aldeia*

A aldeia BORÓRO tem, ainda hoje, dentro dos padrões tradicionais, a forma de um círculo, no centro do qual se ergue uma cabana maior, de construção mais esmerada, — o *Baimanagegeu*, a Casa-dos-Homens, que serve de moradia aos solteiros e lugar de

(7) O rio é uma constante na cultura BORÓRO, relacionando-se com as dimensões econômica e associativa da tribo. No nível mágico-religioso, os mitos e lendas ligados às águas e aos seus produtos são os mais importantes. E esta importância assume maior vulto quando sabemos que os índios tiraram o seu nome tribal de um peixe — ORARI (dourado).

reunião aos casados. Seu interior é vedado às mulheres (8). Junto à Casa-dos-Homens existe uma área semicircular de terra batida, limpa de qualquer vegetação, — o *Boróro*, pátio de danças e local de cerimônias mágico-religiosas. No contorno da circunferência ficam as casas familiares, habitadas pelos casais e seus descendentes.

Dois eixos bem marcados cortam a aldeia. O primeiro dêles, na direção leste oeste, divide a aldeia em duas “moieties” exogâmicas, cada uma delas composta de quatro clãs matrilineares. Estas “metades” são *Xérae*, ao norte, com os clãs *Baadajeba Xobogiu*, *Bokodóri*, *Kie* e *Baadajeba Xebegiu*; na “metade” ao sul, *Tugarége*, temos os clãs *Paiwoe*, *Apiborége*, *Aroroe* e *Ivagududoge*. O segundo eixo corta a aldeia de norte a sul, redistribuindo os clãs em dois outros grupos de quatro clãs, designados, de acôrdo com a sua posição em relação ao curso do rio, *Xobogiu* (de rio acima) e *Xebegiu* (de rio abaixo) (9).

A linha leste oeste é demarcada pelo ponto de acesso à aldeia (a, na planta anexa), pela Casa-dos-Homens e pela abertura que dá para a mata. (b, na planta). A radial norte-sul parte de um clã considerado do meio (*boeadadaw*, que está entre dois, do meio), passa pela Casa-dos-Homens e atinge outro clã também considerado do meio. Ora, verificamos que além dos quatro clãs a montante e quatro clãs a jusante aparecem mais dois clãs, os do meio. Isto não quer dizer, entretanto, que haja dez (4+4 + 2) e não oito clãs. Para conseguir êste artifício, os clãs *Bokodóri* (*Xérae*) e *Aroroe* (*Tugarége*) se bifurcam, fazendo com que tenhamos, na ordem das “casas” na aldeia, o seguinte arranjo:

Clãs de Montante: *Baadajeba*, *Bokodóri*, *Paiwoe* e *Apiborege*.

Clãs de Jusante: *Kie*, *Baadajeba*, *Aroróe* e *Ivagududoge*.

Clãs do meio: *Bokodóri* e *Aroróe*.

(8) Na aldeia de *Tóri-Páru*, a Casa-dos-Homens é de construção precária, vendo-se de fora o que se passa no seu interior. As mulheres é permitido o ingresso, quando especialmente convidadas. Não ocupa, além do mais, o centro da aldeia, mas se ergue num dos flancos, na picada que leva ao Posto do SPI.

(9) Deve ser enfatizado que na língua BORÓRO, *Xobogiu* e *Xebegiu* significam, especificamente, a montante e a jusante (ou de-rio-acima e de-rio-abaixo) e não genericamente de cima, acima, superior, de baixo, inferior, etc. Traduzindo à palavra por superior, inferior, Lévi-Strauss possibilita uma falsa hierarquização do sistema.

## Planta esquematizada da Aldeia de Córrego Grande

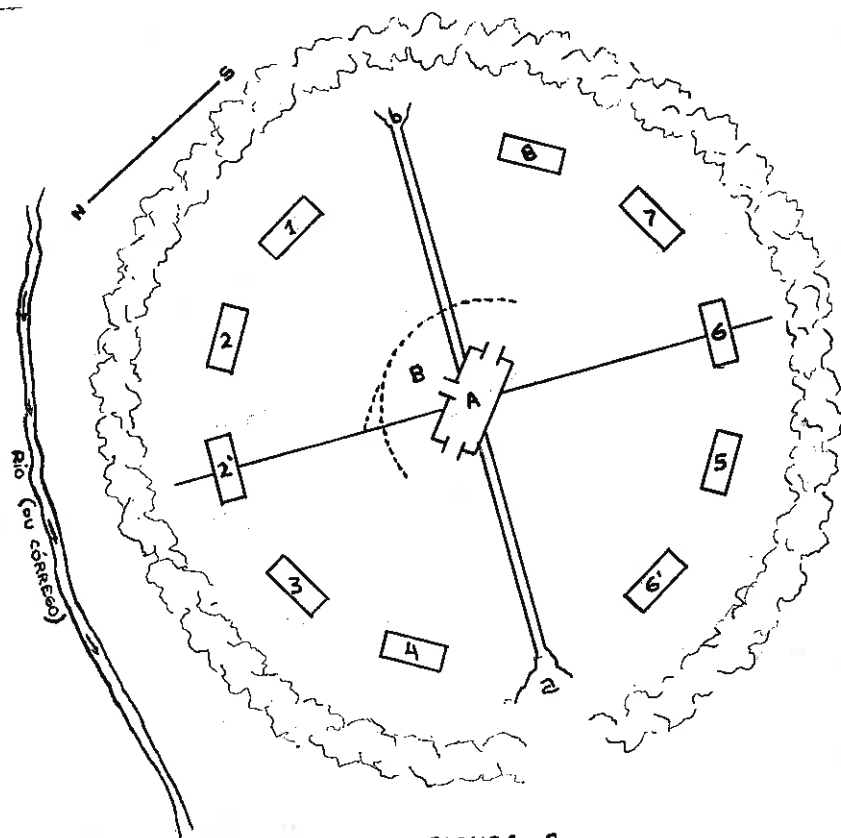


FIGURA 2

- |                                    |                           |
|------------------------------------|---------------------------|
| Rio acima — XOBUGIU                | 2' — clã BOKODORI         |
| Rio abaixo — XEBEGIU               | 3 — clã KIE               |
| No meio — BOEIADADAU               | 4 — clã BAADAJEBA XEBEGIU |
| Ao norte "metade" — XERAE          | 5 — clã IVAGUDUDOGUE      |
| Ao sul "metade" — TUGARÉGE         | 6 — clã AROROE            |
| A — Baimanagegeu — Casa-dos-Homens | 6' — clã AROROE           |
| B — Boróro — Pátio                 | 7 — clã APIBOREGE         |
| 1 — clã BAADAGEBA XOBUGIU          | 8 — clã PAIVOE            |
| 2 — clã BOKODORI                   | a — acesso à aldeia       |
|                                    | b — "saída" para a mata.  |

Disto resulta um novo reagrupamento dos clãs em quatro grupos de dois clãs cada um. Vemos, no esquema da página 10, que dois clãs são considerados somente de montante (Paiwoe e Apiborége), dois apenas de jusante (Kie e Ivagududoge); no terceiro grupo, dois clãs considerados do meio o são também de montante, um dêles, e de jusante, o outro; finalmente, o quarto grupo tem um clã de montante e outro de jusante (com a mesma designação de Baadajeba).

Esta distribuição dos clãs não tem uma "função" apenas de "localização geográfica", como quis LÉVI-STRAUSS (1936, 1958 *passim*). Constitui-se numa importante estrutura de base econômica por isso que na caça, na pesca e na coleta ou plantio, os territórios adjacentes às aldeias são distribuídos para exploração de acordo com a localização dos clãs. Ainda hoje, apesar da paulatina diminuição das áreas de caça e pesca e devastação da flora local (ver página 8) o escalonamento perdura, motivando daí o empobrecimento e enriquecimento de determinados clãs, pelo pior ou melhor aproveitamento das áreas que lhes são culturalmente determinadas.

Outrora, quando o *minimum* populacional o permitia, também as várias famílias de que se formavam os clãs eram divididas em secções (de rio acima, de rio abaixo, do meio), de acordo com a sua posição na aldeia.

Esta estrutura tríptica da aldeia é claramente revelada, mesmo por análise superficial, em levantamentos feitos por outros pesquisadores (BARBOSA DE FARIA, 1925; LÉVI-STRAUSS, 1936) e os padres salesianos, na edição original italiana (1925) quase chegaram a percebê-la plenamente, confundindo, entretanto, secções clânicas com clãs propriamente ditos. Visualizaram, porém, o conjunto da aldeia dentro deste esquema. Nas obras subseqüentes (1942, 1948) abandonaram por completo a divisão tríptica quanto à aldeia, reforçando-a somente quanto aos clãs.

O gráfico da pág. 10 ilustra de forma cabal tudo que acabamos de escrever.

A forma da aldeia reflete de imediato a organização social dos BORÓRO, que se estrutura através de três modalidades de dualismo: um concêntrico e dois diamétrais. Concêntricamente, como, aliás, já notou LÉVI-STRAUSS, (1958:156) encontramos três situações

dicotômicas: Macho/Fêmea; Sagrado/Profano; Celibato/Casamento. Mais explicitamente: temos de um lado os homens, proprietários da *Baimanagegeu*, do outro, as mulheres proprietárias das casas familiares (o matrimônio é uxorilocal); o centro servindo à vida cerimonial (Casa-dos-Homens e *Boróro*) e a periferia reservada às atividades domésticas das mulheres, excluídas, por natureza, dos mistérios da religião; finalmente, os solteiros, alijados da periferia e os casados, nela residindo.

Esta estrutura concêntrica, plenamente consciente no pensamento indígena (10) chama de pronto a atenção do pesquisador, tendo sido percebida por von den STEINEN (1915:466): "Tanto quanto me foi possível entender, divide-se a tribo em duas grandes classes: a das cabanas de famílias e a do ranhão. Aquela compreendia os mais velhos pais de família que viviam em matrimônio regular; a outra os solteiros (...)"

Diametralmente, temos os eixos leste-oeste e norte-sul dividindo ambos a sociedade Boróro em dois grupos de quatro clãs cada um, o primeiro deles regulando, principalmente, o casamento, o segundo, principalmente, a economia da tribo, como ficou explicitado nas páginas 9 e 11.

Tôda esta organização complexa é reproduzida no interior da Casa-dos-Homens, dividida como a aldeia em "metades" pelo mesmo eixo leste-oeste (11). No seu interior, os homens se arrumam de acôrdo com a ordem de seus clãs na aldeia. Um detalhe do *Baimanagegeu* é digno de nota: a porta que dá para o lado *Tugarége* é a porta de entrada dos *Xerae* e vice-versa. Isto, quer nos parecer, tem como função imediata facilitar o mecanismo matrimonial. Realmente, se os homens de uma "metade" entrassem no *Baimanagegeu* pela porta de seu próprio "lado" ficariam como que isolados, sem possibilidades de encontros *fortuitos* com as mulheres da "metade" oposta, suas possíveis e futuras consortes. Outro aspecto da Casa-dos-Homens —

(10) É tão presente esta consciência que em *Tóri-Páru* (P. I. Galdino Pimentel) embora a Casa-dos-Homens e o pátio sejam devassados aos olhos e a entrada das mulheres estas desconhecem formalmente os mistérios da religião e se afastam quando no seu interior os homens estão reunidos.

(11) Colbacchini-Albisetti (1942) e Albisetti (1948) na simplificação de seu esquema da aldeia invertem a posição da Casa-dos-Homens, dividindo-a em "metades" por um eixo norte-sul. Lévi Strauss (1936) porém percebeu e claramente descreve a verdadeira posição da Casa-dos-Homens.

e que ainda não vimos referidos por nenhum dos pesquisadores que visitaram os BORÓRO anteriormente — é a existência de uma terceira porta, que dá saída para o *Pátio*. Esta porta é bastante disfarçada na *p parede* de palha da Casa e somente depois de algum tempo de convivência na aldeia tomamos conhecimento dela. Os índios não a usam comumente e quando o fazem é apenas para sair. Esta porta serve para os dias de cerimônia e danças vedadas aos olhos das mulheres. O *pátio* é cercado, então, de esteiras e, assim, os homens podem sair dos bastidores (Casa-dos-Homens) para o palco (*Boróro*) sem o perigo das profanas vistas femininas.

Também nos acampamentos provisórios, nas excursões de caça e pesca, a organização da aldeia se impõe. Na caça, hoje em dia, somente alguns poucos homens se deslocam, mas, mesmo assim, êsses poucos indivíduos se arrumam nas paradas de pernoite segundo a posição de seus clãs na aldeia, principalmente porque aí devem observar com rigor a distribuição do território onde deverão agir, cada qual, em busca de seu sustento. Na pesca coletiva, quando das *descidas* dos grandes cardumes, praticamente o grupo inteiro acampa nas praias e aí então a reprodução da morfologia da aldeia é completa: os casais e seus filhos formando a periferia de um círculo e os homens solteiros repousando no centro.

#### b) *Matrimônio*

O ponto crucial de tôda a análise da sociedade BORÓRO tem sido a instituição do matrimônio e o sistema de parentesco que, a alguns estudiosos, parece não reproduzir a estrutura (ou rede de estruturas) da qual deveria emergir. O ritmo da sociedade seria, assim, incongruente, revelando, na sua dimensão associativa, não o arcabouço estrutural conhecido, mas um outro ainda não percebido. O primeiro a levantar o problema foi LÉVI-STRAUSS, com base em informações mais recentes (1948) dos padres salesianos.

Dissemos acima que as "meiades" são exogâmicas. Assim, homens/mulheres *Tugarége* somente podem casar-se com mulheres/homens *Xerae* e vice-versa. Mas o casamento não é completamente livre dentro desta situação dual. A escolha dos cônjuges deve obedecer a certas normas preferenciais; certos clãs de uma "metade" casam-se com apenas determinados clãs da metade oposta. Não parariam aí

as restrições. CESAR ALBISETTI (1948) reformulando informações anteriores (COLBACCHINI-ALBISETTI 1942) afirma que as subsecções de um clã casar-se-iam obrigatoriamente com as subsecções homônimas de outros clãs da “metade” oposta. Assim, homem/mulher *Apiborege Xobugiu*, por exemplo, contrairia matrimônio com mulher/homem *Xobugiu* de clãs com os quais fôsse possível o casamento.

Louvando-se nestas informações, LÉVI-STRAUSS (1957-1958) pretende encontrar unidades mais importante que os clãs “que perderiam todo o seu valor funcional”, fazendo a organização da sociedade BORÓRO repousar sobre uma estrutura de três grupos endogâmicos (de montante, de jusante, do meio, — ou, na sua nomenclatura, superior, inferior, médio) grupos êsses divididos em metades exogâmicas e sem qualquer laço de parentesco entre si, verdadeiras sub-sociedades. (Grifos nossos).

Este esquema formalmente lógico, aparentemente conseqüente, não nos parece corresponder à realidade mas a uma situação ideal e essa alta valoração funcional que lhe empresta LÉVI-STRAUSS não resiste a uma análise, mesmo superficial, como a que pode ser feita, de passagem, numa breve e primeira comunicação.

Senão vejamos.

Em primeiro lugar, há de se convir que as informações dos salesianos (no que pese o seu alto valor etnográfico) devem ser tomadas com reservas, principalmente quanto à organização social. Por falta de um equipamento conceitual mais aprimorado, os padres descaram do rigor científico, expondo situações ideais transmitidas por seus informantes, sem maiores cuidados analíticos. Por fôrça de sua longa convivência com os índios, elas aparecem como reproduções de situações reais por êles verificadas. E aqui cabe um parêntesis, para uma advertência feita por BALDUS (1937:118-119) quando analisou o papel social da mulher entre os Boróro: “Para conhecer os homens não tem importância decisiva passar a vida toda ao lado dêles e tratá-los como bem nos parece; é necessário, para êsse fim, observar e respeitar os mínimos detalhes de seu pensamento, de seu sentimento e de sua ação (...)”.

Em segundo lugar romperia o equilíbrio orgânico da sociedade como tal, o que obviamente, levaria o sistema a sofrer uma mudança

total com vistas à sua reorganização. Êsse rompimento não se deu, como se pode verificar através de levantamentos anteriores, inclusive os do próprio LÉVI-STRAUSS (1936) — inexplicavelmente abandonados por êle. As subsecções clânicas, como já dissemos, foram paulatinamente desaparecendo com a depopulação tribal sem que isto causasse quaisquer desarranjos funcionais drásticos na sociedade.

Justamente êsse rompimento do equilíbrio orgânico da sociedade BORÓRO se deu quando os clãs começaram a perder, nas aldeias controladas pelos salesianos, a sua importância funcional, como nos mostra BALDUS (op. cit.: 292-294).

A nosso ver, não as secções mas os clãs são os requisitos indispensáveis ao funcionamento da sociedade, por isso que são êles as verdadeiras unidades sócio-culturais de produção e associação. E esta importância funcional não é só latente, mas manifesta, estando presente na consciência dos índios que hoje, com a diminuição acelerada de sua população, são levados a fazer arranjos para manter a existência dos clãs, procedendo a uma permanente permuta de habitantes entre as aldeias com o fito de que haja, sempre, em tôdas elas condições para o funcionamento pleno dos mesmos. A situação foi por nós constatada. Quando de nossa permanência no campo (aldeia de Córrego Grande) o clã *Ivagududoge* era constituído de uma mulher em idade avançada, sem possibilidade de casamento ou de procriação; dois homens adultos e uma criança do sexo masculino. Ora, sendo a descendência matrilinear, êste clã poderia vir a se extinguir e, por isso, uma mulher de *Tóri-páru*, em idade casadoura, se transferiu para lá (12). Outro fato ilustrativo: fiquei cêrca de vinte dias sem o meu principal informante (do clã *Ivagududoge*) pois êle fôra até uma das aldeias do Alto São Lourenço, a fim de tomar parte numa cerimônia mágico-religiosa. Um dos cantos a ser executado era privilégio daquêle clã, que não tinha na aldeia homem válido para dizê-lo.

No quadro demográfico inserido na página 5 podemos verificar êsse aumento (ou diminuição) populacional não vegetativo em apenas três meses.

\* \* \*

(12) Quando de nossa partida, a mulher estava para casar.





Verifica-se, então, que o sistema matrimonial BORÓRO obedece, em primeiro lugar e obrigatoriamente, à exogamia das “metades”; em segundo lugar e preferencialmente, a normas que possibilitam e mantêm o equilíbrio populacional da tribo dentro da estrutura de base econômica, ou melhor, contribuem para a distribuição equânime das forças de produção.

Outra ordem de preferência matrimonial, hoje menos impositiva e que com decréscimo populacional vem sendo quase impossível de ser mantida, é a que se refere às classes de idade relativa. Assim, a lei tradicional impõe que um homem se case com mulheres de sua geração ou/e da geração imediatamente superior; às mulheres que se casam, por conseguinte, com indivíduos de sua geração ou/ e da

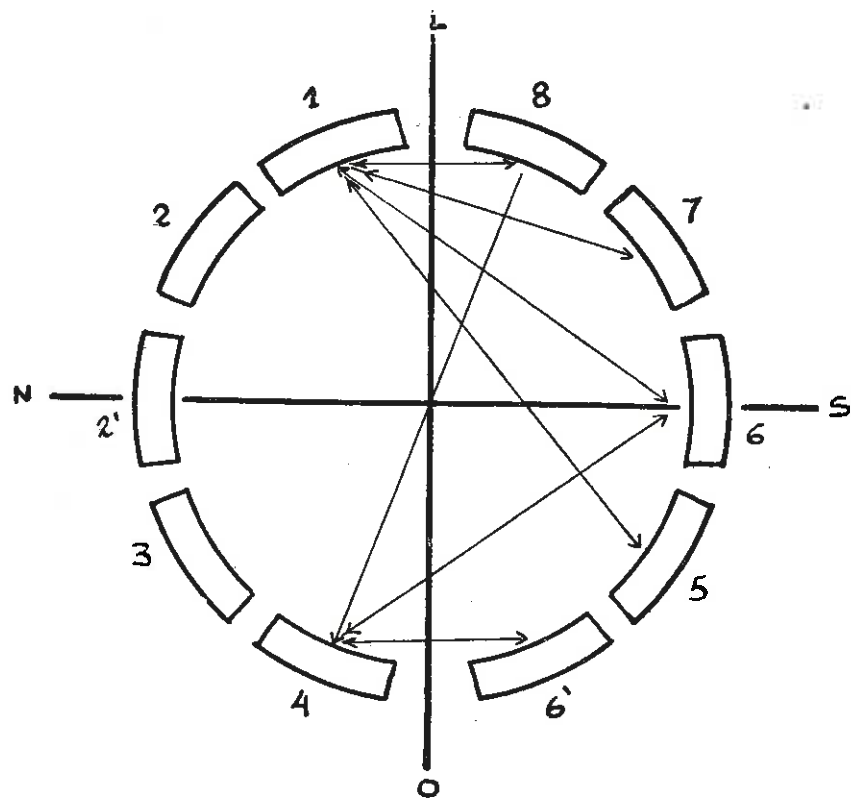


FIGURA 5

imediatamente inferior, respeitadas, em ambos os casos, naturalmente, a exogamia das metades e as normas preferenciais das uniões interclânicas. EGO terá, então, possibilidade de casar com a filha da irmã mais velha de seu pai ou/e com a irmã mais moça deste; ego (feminino) casará preferencialmente com o filho do irmão de sua mãe ou/e com o filho de seu irmão mais velho, (cf. von den STEIN, LÉVI-STRAUSS, op. cit. passim).

Este mecanismo matrimonial por classe de idade contribui para que haja na terminologia de parentesco identidade notáveis, que refletem, diretamente, a situação social. EGO chamará com o mesmo termo a irmã mais velha de seu pai e a mãe de seu pai; ego chamará com o mesmo termo o irmão de sua mãe e o seu irmão mais velho.

Pondo-se em diagrama, fazendo-se irmãos EGO masculino e ego feminino:

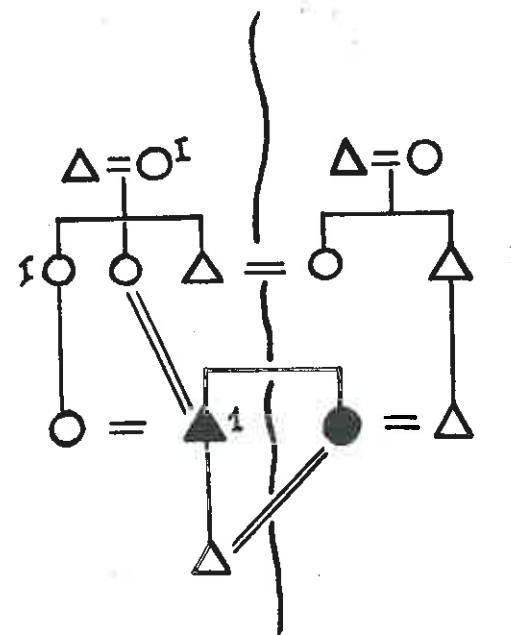


FIGURA 6

EGO falando: I — maruga

EGO falando: 1 — VURI

c) *Sistema de Parentesco*

EGO identifica seus parentes das gerações ascendentes e descendentes enfatizando a divisão em “metades” exogâmicas. Assim, classifica como PAI todos os homens das gerações acima da sua que sejam da “metade” oposta e como AVÔ (sôgro) todos os da sua própria “metade”; as mulheres mais velhas que êle, quando de sua “metade” são classificadas como *mãe* e as da “metade” oposta como *avós* (sogra). Conseqüentemente, nas gerações descendentes, classifica como FILHO (a) todos os indivíduos da “metade” oposta e como NETO (a) os de sua própria metade.

Deve-se anotar que:

1 — Os tērmos aqui usados são de referência. Obviamente, EGO distingue o seu verdadeiro PAI e sua verdadeira *mãe* de outros indivíduos classificados como PAI e como *mãe* e para tanto acrescenta a palavra PÉGA (errado, feio, torto). Assim IOGWA PÉGA, IMUGA PÉGA.

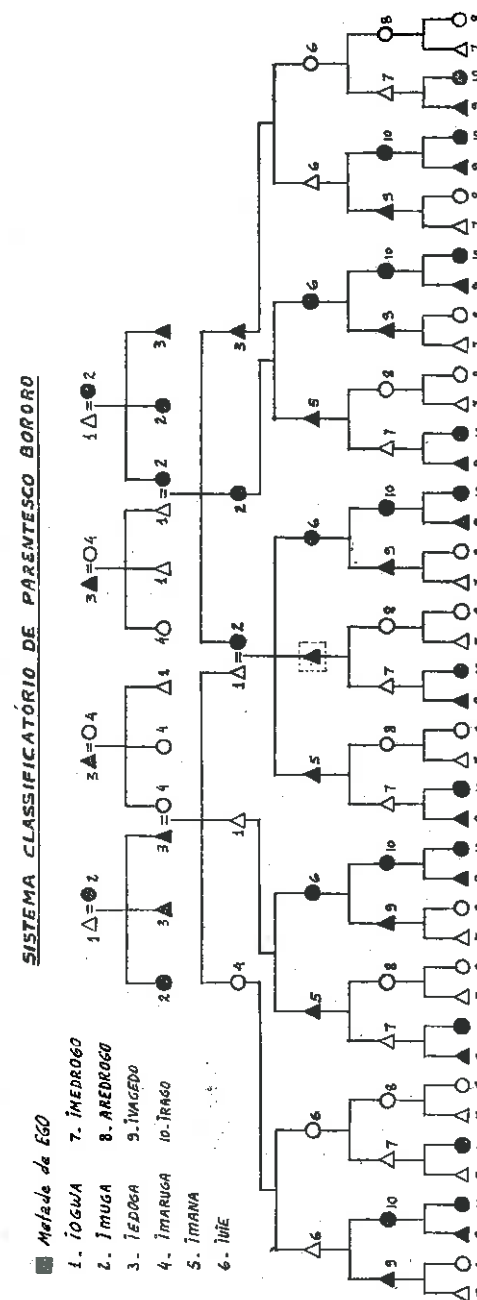
2 — OGWA e *muga* são exclusivamente usados com o pronome I (eu, meu, minha), isto é, EGO falando. Genéricamente, PAI é ŪO (por exemplo AŪO, teu pai); mãe com os demais pronomes é CI — com os correlativos XI, JI, donde axe, uxe, paje, taje, tua mãe, sua mãe, nossa mãe, vossa mãe.

3 — Vê-se pelo diagrama que EGO pertence ao mesmo tempo à “metade” de seu avô paterno e avô materna, não pertencendo à metade de sua avó paterna e avó materna. Esta situação não é específica dos BORÓRO mas de todos os sistemas em que numa descendência matrilinear exista casamento de primos cruzados.

Nota: a irmã mais velha (e prima paralela mais velha) é chamada por EGO de *ituie*. Não nos foi possível uma pesquisa glotológica que explicasse o elemento T. Usamos no diagrama o mesmo número para *ituie*, e *IUIE* e *iuie*, pois socialmente a posição destes parentes é a mesma.

Na sua própria geração, EGO não reproduz pela terminologia de parentesco a divisão em “metades” exogâmicas. Aí agrupa seus parentes em duas classes: de um lado, os mais velhos que êle, do sexo masculino — irmão mais velho, filhos mais velhos do irmão do pai e da irmã da mãe; do outro, seus irmãos mais moços, suas irmãs, seus primos (as) paralelos mais moços, seus primos e primas cruzados, estes sem distinção de idade. Assim:

a) o equilíbrio das forças de produção, pelo intercasamento dos grupos de rio acima (*xobugiu*), de rio abaixo (*xebegiu*), do meio (*boieadadaw*);



b) o balanceamento das matrizes de reprodução biológica, pelas uniões preferenciais por classe de idade relativa;

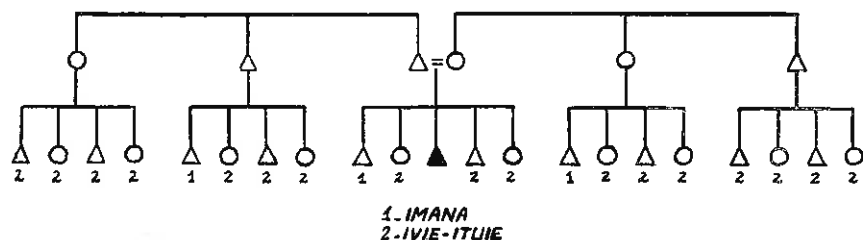


FIGURA 8

### SUMARIO E CONCLUSÕES

Tentamos esquematizar, através de modelos, a trama de estruturas em que se baseia a organização da sociedade BORÓRO. Vimos que, tradicionalmente, ela se caracteriza por:

- 1) um arcabouço clânico matrilineal e uxorilocal;
- 2) clãs que são as unidades mais inclusivas da sociedade e se distribuem em "metades" exogâmicas e numa divisão tríptica reguladora, principalmente, das atividades produtivas;
- 3) sistemas preferenciais de matrimônio, cujos mecanismos possibilitam à sociedade manter:
- 4) ênfase, através do sistema classificatório do parentesco, das gerações ascendentes e descendentes, bem marcadas na divisão dual das "metades" exogâmicas;
- 5) reforçamento da unidade do grupo de *sibling*, na geração de EGO, onde não é feita a distinção das "metades" no sistema classificatório de parentesco, distinguindo-se, porém, marcadamente, o *mais velho* do *mais novo*.

Este quadro *tradicional*, nas suas linhas mestras, se mantém ainda hoje, apresentando, entretanto, algumas modificações causadas

menos por deliberada imposição dos agentes da sociedade nacional do que em consequência de fatores demográficos (depopulação) e ecológicos (modalidades de ocupação do território), modificações altamente importante para a sociedade indígena e que ao pesquisador indicam, justamente, as direções que os processos de mudança podem tomar.

Sem o número de indivíduos necessários à manutenção da estrutura básica, em sua plenitude, os BORÓRO vêm sendo obrigados a reelaborarem as potencialidades funcionais do seu sistema, objetivando a reintegração funcional do todo sócio-cultural.

Os fatores demográficos impossibilitaram a continuidade das uniões preferenciais por classe de idade relativa, uniões estas, hoje, apenas inferidas pela terminologia de parentesco. Igualmente, a depopulação motivou o desaparecimento do seccionamento dos clãs em linhagens *de rio acima*, *de rio abaixo* e *do meio* (13). Esta divisão tríptica, como já foi enfatizado, perdura, porém, na distribuição dos clãs na aldeia, como uma estrutura de forte base econômica, contribuindo para o equilíbrio das forças de produção, através de mecanismos de preferências matrimoniais (ver esquemas nas páginas 17 e 18), embora já não responda às necessidades econômicas da tribo. Como foi assinalado, uma ocupação mais efetiva de certas áreas de caça, pesca e coleta, pelas franjas pioneiras torna certos clãs *pobres*, uma vez que os mesmos não as podem utilizar *in totum*.

Somos levados a admitir (com a natural cautela a que uma previsão dessa espécie obriga) que a estrutura tríptica da aldeia tende a desaparecer, por inoperante, como desapareceu no interior dos clãs, devendo deixar, também, de regular as uniões preferenciais de matrimônio, as quais passariam a obedecer tão somente à exogamia das "metades". Como já foi dito, atualmente os índios encontram dificuldade em preservar, nas aldeias, o próprio e imprescindível funcionamento das unidades mais inclusivas do sistema — os clãs.

As pesquisas passadas não nos fornecem o desenvolvimento do processo e o nosso próprio material de campo (de uma primeira e curta visita) não responde ainda, cabalmente, as razões da persis-

(13)Barbosa de Faria (1925) fez o levantamento de uma aldeia com 71 "casas" Tugaré e 67 Xérae, com todos os clãs possuindo as três secções. Hoje, a aldeia de Córrego Grande, a maior da área do Pantanal do São Lourenço, conta com 14 "casas", (8 Tugaré).

tência de certos aspectos estruturais (divisão tríptica dos clãs, para efeito de balanceamento das forças de produção, por exemplo) hoje aparentemente disfuncionais e do desaparecimento de outros (as subsecções clânicas, de rio acima, de rio abaixo, do meio), em curto espaço de tempo, sem causar nenhum desequilíbrio orgânico drástico na sociedade. É sabido, entretanto, pelos que se dedicam a pesquisas desse tipo, que a realidade que deixamos de compreender, numa análise estrutural, pode ser dinâmica, isto é, que no mesmo momento e na mesma sociedade pode haver tipos deformados (anômicos) de estruturas, uns por não terem se desenvolvido plenamente, outros por que já ultrapassaram o presente. A realidade estrutural deve ser submetida à prova e somente aceita quando congruente com os aspectos que nos são dados observar empiricamente.

Temos, então, que o estudo do conservantismo da cultura BORÓRO, frente a situações de conjunção com os segmentos da sociedade brasileira e os processos de mudança que ocorreram e estão ocorrendo na sociedade indígena deve estribar-se, sobretudo, nos arranjos organizatórios que os índios vêm sendo levados a formular e reformular para manter a sua sociedade como tal.

Esses arranjos se fazem sentir e podem ser revelados através dos movimentos migratórios de aldeia a aldeia, isto é, da permuta e da requisição de indivíduos por si sós capazes de perpetuar o funcionamento das unidades últimas e mais altamente estáveis da sociedade, como também pelas variáveis ocorridas e mantidas no mecanismo preferencial de matrimônio e pela posição atual dos componentes dos grupos familiares.

Estas manifestações são as mais relevantes, por isso que refletem os aspectos mais dinâmicos da sociedade indígena e o seu estudo, em profundidade, será o nosso principal escopo, na segunda etapa de nossa pesquisa.

#### SUMMARY

This paper, the first report of research on conservatism in Bororo culture, deals with the organizational arrangements effected by the survivors of that indigenous society who now live in cultural isolation to the northeast and east-southeast of Cuiaba, capital of the state of

Mato Grosso, Brazil, in a territory which lies between 15°30' and 17° south latitude and 53° and 55°30' west longitude.

For more than two centuries these Indians have resisted the impacts of the expansion of Brazilian society. They are at present facing this expansion in three different forms: contacts with Salesian missionaries (region of the Rio das Mortes and the Rio das Garças); contacts with agents of the Indian Protection Service (swamp region of the São Lourenço river); and contacts with "civilized" elements, without any official or church control (region of the upper São Lourenço).

In spite of more than two centuries of intermittent contacts with the fringes of pioneer advance and permanent contact for the last fifty years, the Bororos have maintained intact (or nearly so) their social organization, based on matrilineal, uxorilocal clans. These clans are distributed in exogamous moieties and in a triple division which is the principal regulating factor in production activities. Preferential marriage systems enable the society to maintain a balance of productive forces by means of preferential unions based on relative age criteria.

The variations of traditional pattern now present are due more to demographic factors (depopulation) and ecological factors (the manner of territorial expansion than to deliberate imposition by representatives of Brazilian society. These modifications are of utmost importance for the indigenous society and indicate to the investigator the exact direction which the process of change may take.

Without the necessary number of individuals to maintain the basic structure in its full form the Bororo are being obliged to re-elaborate the functional potentiality of their system in order to reintegrate the socio-cultural whole.

The organizational arrangements that make possible this new elaboration are felt and revealed through migratory movements from village to village; that is, by the exchange and requisitioning of individuals who are able to perpetuate the functioning in each village of the clan system referred to above.

These manifestations are most relevant because they reflect the most dynamic aspects of the society, and their study will be the principal object of the second stage of the research project.

#### REFERÊNCIAS

ALBISETTI, CESAR

1948 — "Estudos e notas complementares sobre os Bororos Orientais", in CONTRIBUIÇÕES MISSIONÁRIAS — *Publicações da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia*, vols. 2 e 3 — Rio de Janeiro.

Veja-se também COLBACCHINI, ANTONIO e ALBISETTI, CESAR.

